

SUSANNA
CLARKE

JONATHAN
STRANGE
& MR.
NORRELL

Tradução
José Antonio Arantes

2^a edição

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © by Susanna Clarke, 2004
Copyright © das ilustrações by Portia Rosenberg, 2004
Publicado originalmente na Inglaterra, pela Bloomsbury Publishing.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Título original
Jonathan Strange & Mr. Norrell

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa
Jean-Michel Trauscht

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Carmen S. da Costa
Marise Simões Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Clarke, Susanna
Jonathan Strange & Mr. Norrell / Susanna Clarke ; ilustrações Portia Rosenberg. — 2^a ed.— São Paulo : Seguinte, 2015.

Título original: Jonathan Strange & Mr. Norrell.
ISBN 978-85-359-0714-8

1. Bruxos — Ficção 2. Mágicos — Ficção 3. Ficção fantástica 4. Ficção inglesa 1. Rosenberg, Portia 11. Título.

05-4779

CDD-823.037

Índice para catálogo sistemático:

1. Bruxos : Magia : Ficção fantástica : Literatura inglesa 823.037

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

[www.facebook.com / editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)

contato@seguinte.com.br

Sumário

INTRODUÇÃO: É o seguinte, 11

VOLUME 1: Mr. Norrell, 15

1. A biblioteca de Hurtfew, 17
2. A estalagem Old Starre, 31
3. As pedras de York, 43
4. Os amigos da magia inglesa, 53
5. Drawlight, 64
6. “Meu senhor, a magia não é respeitável”, 79
7. Uma oportunidade pouco provável de se repetir, 91
8. Um cavalheiro de cabelos de algodão, 98
9. Lady Pole, 108
10. A dificuldade de encontrar emprego para um mago, 113
11. Brest, 117
12. O espírito da magia inglesa leva Mr. Norrell a apoiar a Grã-Bretanha, 123
13. O mago da rua Threadneedle, 134
14. A fazenda Desgosto, 143
15. “Como vai Lady Pole?”, 152
16. Esperança Perdida, 161
17. A inexplicável aparição de vinte e cinco guinéus, 170

18. Sir Walter consulta cavalheiros de várias profissões, 178
19. O clube dos Peep-O'Day-Boys, 186
20. O chapeleiro inverossímil, 193
21. O baralho de Marselha, 201
22. O cavaleiro de paus, 210

VOLUME 2: Jonathan Strange, 225

23. A Casa da Sombra, 227
24. Um outro mago, 243
25. O ensino de um mago, 253
26. Orbe, coroa e cetro, 266
27. A esposa do mago, 277
28. A biblioteca do Duque de Roxburghe, 292
29. Na casa de José Estoril, 305
30. O livro de Robert Findhelm, 328
31. Dezessete napolitanos mortos, 339
32. O rei, 363
33. *Ponha-me nos olhos a lua*, 381
34. À beira do deserto, 391
35. O cavalheiro do condado de Nottingham, 397
36. Todos os espelhos do mundo, 410
37. O Cinque Dragownes, 424
38. D' *A Revista de Edimburgo*, 436
39. Os dois magos, 440
40. “Pode estar certo: Waterloo não existe!”, 456
41. Starecross, 478
42. Strange resolve escrever um livro, 489
43. A curiosa aventura de Mr. Hyde, 500
44. Arabella, 519

VOLUME 3: John Uskglass, 523

45. Prefácio a *História e prática da magia inglesa*, 525
46. “O céu falou comigo...”, 530
47. “Um moço preto e um sujeito azul, isso deve significar alguma coisa.”, 544
48. As gravuras, 559
49. Impetuosidade e loucura, 575
50. *História e prática da magia inglesa*, 582
51. Uma família de nome Greysteel, 601
52. A velha dama de Cannaregio, 611
53. Um pequeno camundongo cinzento morto, 619
54. Uma caixinha da cor da tristeza, 632
55. O *segundo verá o seu mais caro bem nas mãos do inimigo*, 647
56. A Torre Negra, 660
57. As Cartas Negras, 674
58. Henry Woodhope faz uma visita, 679
59. Leucrocuta, o Lobo da Noite, 688
60. Tempestade e mentiras, 708
61. Árvore fala com pedra; pedra fala com água, 720
62. *Fui até eles com um grito que quebrou o silêncio de uma floresta invernal*, 731
63. O *primeiro enterrará o próprio coração numa escura floresta sob a neve e, ainda assim, sentirá a própria dor*, 737
64. Duas versões de Lady Pole, 755
65. As cinzas, as pérolas, a colcha e o beijo, 766
66. Jonathan Strange e Mr. Norrell, 776
67. O pilriteiro, 789
68. “Sim.”, 796
69. Strangitas e norrellitas, 810

VOLUME 1
MR. NORRELL



Ele quase nunca falava de magia; quando falava, era como uma aula de história e ninguém tinha paciência para ouvi-lo.

1. A biblioteca de Hurtfew

Outono de 1806 — janeiro de 1807

Alguns anos atrás, na cidade de York, existia uma sociedade de magos. Eles se reuniam na terceira quarta-feira de cada mês e liam ensaios longos e enfadonhos sobre a história da magia inglesa.

Eram magos cavalheiros. Ou seja, nunca fizeram mal a ninguém por meio da magia, nem por meio dela jamais fizeram algum bem. De fato, para falar a verdade, nenhum deles nunca recorreu ao menor encantamento, nem por meio da magia jamais fez uma folha de árvore tremular, nunca alterou o curso de uma partícula de pó ou mudou um só fio de cabelo na cabeça de alguém. Porém, feita essa pequena ressalva, os magos tinham a reputação de ser os cavalheiros mais sábios e mais mágicos do condado de York.

Referindo-se à profissão, um grande mago afirmou que os que a exercem “devem se esforçar e dar tratos à bola para aprender alguma coisa, mas entre eles a desavença é sempre muito natural”,¹ e os magos de York comprovaram a verdade disso ao longo de muitos anos.

No outono de 1806, acolheram um novo membro, um cavalheiro de nome John Segundus. Na primeira reunião de que participou, Mr. Segundus se levantou e proferiu um discurso ante a sociedade. Começou por congratular os cavalheiros pela história notável que tinham; enumerou os muitos magos e his-

1. *História e prática da magia inglesa*, de Jonathan Strange. Vol. 1, cap. 2, ed. John Murray, Londres, 1816.

toriadores renomados que em diferentes períodos pertenceram à Sociedade de York. Deu a entender que saber da existência de tal sociedade fora um grande estímulo para ir até York. Os magos do Norte, lembrou ele ao público, sempre haviam sido mais respeitados do que os do Sul. Mr. Segundus disse que estudara magia durante anos a fio e conhecia a história de todos os grandes magos do passado. Lera as novas publicações sobre o assunto e até fizera uma modesta contribuição para a proliferação delas, mas recentemente começara a se perguntar por que os grandes feitos de magia sobre os quais lera permaneciam nas páginas do livro que escrevera e já não eram vistos nas ruas nem noticiados nos jornais. Mr. Segundus disse que gostaria de saber por que os magos modernos não eram capazes de praticar a magia sobre a qual escreviam. Em resumo, desejava saber por que não se fazia mais magia na Inglaterra.

Era a pergunta mais banal do mundo. Era a pergunta que, cedo ou tarde, qualquer criança no reino faria à governanta, ao professor ou aos pais. Entretanto, os cultos integrantes da Sociedade de York não gostaram nem um pouco de ouvi-la, porque estavam tão incapacitados para respondê-la quanto qualquer outra pessoa.

O presidente da Sociedade de York (cujo nome era Dr. Foxcastle) dirigiu-se a John Segundus e explicou que aquela era uma pergunta equivocada.

— Ela pressupõe que o mago tem uma espécie de dever de praticar a magia, o que, claro, é um disparate. Creio que o senhor não sugeriria que a tarefa do botânico fosse criar mais flores. Ou que o astrônomo devesse reorganizar as estrelas. O mago, meu senhor, estuda a magia praticada muito tempo atrás. Por que esperar dele mais do que isso?

Um cavalheiro idoso de olhos azuis apagados e roupas de cores também apagadas (chamado Hart ou Hunt, Mr. Segundus não entendeu bem o nome) disse apagadamente que não tinha a menor importância a expectativa em torno do que um mago deve fazer. Um cavalheiro não devia praticar magia. Magia era o que os magos de rua simulavam fazer para tirar os centavos das crianças. A magia (no sentido prático) estava degradada. Tinha associações vulgares. Era amiga íntima de rostos barbudos, ciganos e ladrões de domicílios; do freqüentador de lugares imundos com cortinas amarelas encardidas. Não, não! Um cavalheiro não tinha de praticar magia. Um cavalheiro podia estudar a história da magia (nada mais nobre), mas não tinha de praticar magia alguma. O cavalheiro idoso olhou para Mr. Segundus com olhos apagados e paternais e disse que esperava que Mr. Segundus não tivesse recorrido a encantamentos.

Mr. Segundus corou.

Mas a célebre máxima dos magos se revelou verdadeira: dois magos — no caso o Dr. Foxcastle e Mr. Hunt, ou Hart — não conseguiam conciliar os argu-

mentos opostos de dois outros magos. Vários cavalheiros começaram a perceber que tinham a mesma opinião que Mr. Segundus e que nenhuma outra pergunta concernente a todo o conhecimento da magia teria maior importância. Entre os partidários de Mr. Segundus, o principal era um cavalheiro de nome Honeyfoot, um sujeito cordial e simpático de cinqüenta e cinco anos, faces rosadas e cabelo grisalho. Dado que a discussão ficou mais acalorada e o Dr. Foxcastle falava com Mr. Segundus com mais sarcasmo, Mr. Honeyfoot dirigiu-se a Mr. Segundus várias vezes, sussurrando frases confortadoras como: "Senhor, não lhes dê atenção. Sou da mesma opinião", "O senhor tem toda a razão, não se deixe esmorecer" e "Tocou no ponto! Sim, senhor, tocou mesmo! A falta da pergunta certa é que antes nos tolhia. Agora que está aqui, faremos grandes coisas".

Palavras tão gentis assim não deixaram de encontrar um ouvinte agradecido em John Segundus, cujo abalo lhe transparecia na fisionomia.

— Creio ter sido desagradável — sussurrou para Mr. Honeyfoot. — Não era minha intenção. Esperava a opinião favorável destes cavalheiros.

A princípio Mr. Segundus se sentiu inclinado ao desânimo, mas uma explosão particularmente maldosa do Dr. Foxcastle despertou nele uma leve indignação.

— Este cavalheiro — disse o Dr. Foxcastle, cravando os olhos frios em Mr. Segundus — parece convencido de que devemos compartilhar o destino infeliz da Sociedade dos Magos de Manchester!

Mr. Segundus baixou a cabeça na direção de Mr. Honeyfoot e disse:

— Não pensei que os magos do condado de York fossem tão obstinados. Se não existirem amigos da magia no condado de York, onde os encontrarei?

A gentileza de Mr. Honeyfoot com Mr. Segundus não terminou nessa noite. Ele convidou Mr. Segundus a ir à casa da família em High-Petergate para um bom jantar em companhia de Mrs. Honeyfoot e das três lindas filhas, o que Mr. Segundus, um cavalheiro solteiro e não rico, aceitou com prazer. Após o jantar, Miss Honeyfoot tocou o *pianoforte* e Miss Jane cantou em italiano. No dia seguinte, Mrs. Honeyfoot disse ao marido que John Segundus era precisamente como um cavalheiro deveria ser, mas receava que não se beneficiaria com isso, pois não estava na moda ser modesto, comedido e bondoso.

Os dois cavalheiros logo ficaram íntimos. Em pouco tempo Mr. Segundus começou a passar duas ou três de cada sete noites na casa de High-Petergate. Numa ocasião, a presença de um grande grupo de jovens levou naturalmente à realização de um baile. Tudo era agradabilíssimo, mas quase sempre Mr. Honeyfoot e Mr. Segundus escapuliam para conversar sobre o que de fato lhes interessava: por que não se fazia mais magia na Inglaterra? Contudo, por mais que conversassem (com freqüência até as duas ou três da manhã), estavam bem

longe de uma resposta. Isso, porém, talvez não importasse, pois todos os tipos de magos, antiquários e estudiosos vinham fazendo a mesma pergunta havia bem mais de duzentos anos.

Mr. Honeyfoot era um cavalheiro alto, sorridente, alegre e cheio de energia que gostava de estar sempre fazendo ou planejando alguma coisa, raras vezes se perguntando se a coisa tinha propósito. A atual tarefa lembrou-lhe os grandes magos medievais,² que, sempre que tinham um problema aparentemente difícil para resolver, viajavam a cavalo por um ano e um dia, tendo como guias um ou dois criados mágicos, e ao fim desse período nunca deixavam de encontrar a solução. Mr. Honeyfoot disse a Mr. Segundus que, em sua opinião, o melhor que poderiam fazer era seguir o exemplo desses grandes homens, alguns dos quais tinham ido às regiões mais remotas da Inglaterra, Escócia e Irlanda (onde a magia era mais forte), enquanto outros haviam se retirado completamente deste mundo e hoje em dia ninguém sabia ao certo onde foram parar ou o que fizeram quando lá chegaram. Mr. Honeyfoot não propunha irem tão longe; com efeito, não desejava ir longe de modo algum, porque era inverno e as estradas estavam péssimas. Entretanto, estava persuadido de que deveriam ir a *algum lugar* e consultar *alguém*. Disse a Mr. Segundus que achava que ambos estavam ficando rançosos; a vantagem de uma opinião diferente seria imensa. Nenhum destino, porém, nenhum objetivo se apresentava. Mr. Honeyfoot estava desesperançado. Foi então que se lembrou de outro mago.

Alguns anos antes, a Sociedade de York ouvira boatos de que existia um outro mago no condado de York. Esse cavalheiro vivia numa região bastante remota do interior, onde (dizia-se) passava os dias e as noites estudando textos de magia raros em sua excelente biblioteca particular. Tendo descoberto o nome de mais um mago e onde encontrá-lo, o Dr. Foxcastle escreveu-lhe uma carta cortês na qual o convidava a participar da Sociedade de York. O outro mago respondeu que se sentia muito honrado, mas que lamentava muito: estava impossibilitado, por causa da longa distância entre York e Hurtfew Abbey, das estradas ruins, do trabalho que de modo algum poderia abandonar, e assim por diante.

Todos os magos de York examinaram a carta e manifestaram dúvida de que alguém com uma caligrafia tão miúda fosse um mago razoável. Depois, sentindo um ligeiro pesar pela excelente biblioteca que jamais veriam, afastaram o mago do pensamento. Mas Mr. Honeyfoot disse a Mr. Segundus que, diante da importância da pergunta “Por que não se faz mais magia na Inglaterra?”, seria um grande erro da parte deles desconsiderar qualquer oportunidade. Como saber? Talvez valesse a pena ouvir a opinião do outro mago. Foi então que Mr.

2. Mais precisamente chamados de Áureos, ou magos da Idade de Ouro.

Honeyfoot escreveu uma carta em que sugeria que ele e Mr. Segundus teriam prazer em visitar o outro mago na terceira terça-feira depois do Natal, às duas e meia da tarde. Pronto chegou uma resposta. Mr. Honeyfoot, com a afabilidade e a camaradagem habituais, mandou chamar sem demora Mr. Segundus e lhe mostrou a carta. Com sua caligrafia miúda, o outro mago escrevera que teria grande prazer em conhecê-los. Isso bastou. Mr. Honeyfoot ficou satisfeitíssimo e foi correndo informar Waters, o cocheiro, de quando ele seria necessário.

Mr. Segundus ficou sozinho na sala com a carta na mão: “Confesso que me sinto um tanto incapaz de entender o motivo de uma honra assim tão súbita. É quase inconcebível que os magos de York, com toda a boa sorte da companhia mútua e o incalculável benefício da sabedoria comum, tenham a necessidade de consultar um estudioso solitário como eu”.

Havia um toque de sarcasmo sutil na carta; o missivista parecia zombar de Mr. Honeyfoot a cada palavra. Mr. Segundus ficou satisfeito ao concluir que Mr. Honeyfoot mal o percebera, do contrário não teria ido falar com Waters com tanta euforia. Era uma carta tão hostil que Mr. Segundus sentiu se dissipar todo o desejo de visitar o outro mago. Bem, não obstante, pensou, devo ir, porque Mr. Honeyfoot o deseja, e o que afinal poderá suceder de pior? Vamos visitá-lo, ficar desapontados, e pronto.

Uma tempestade precedeu o dia da visita; a chuva criara poças compridas e irregulares nos campos castanhos e sem vegetação; telhados molhados pareciam espelhos de pedra; e a diligência de Mr. Honeyfoot percorreu um mundo que continha uma porção muito maior de céu cinza-gélido e uma porção muito menor de chão firme confortador do que o habitual.

Desde a primeira noite Mr. Segundus tinha a intenção de perguntar a Mr. Honeyfoot a respeito da Sociedade Culta dos Magos de Manchester, que o Dr. Foxcastle mencionara. Perguntava agora.

— Essa sociedade foi fundada não muito tempo atrás — disse Mr. Honeyfoot. — Seus membros eram clérigos da classe mais pobre, ex-comerciantes respeitáveis, boticários, advogados, donos de moinhos aposentados com alguma noção de latim e assim por diante, pessoas que se poderiam qualificar de quase-cavaleiros. Creio que o doutor Foxcastle ficou satisfeito quando se dispersaram... Ele não acha que pessoas dessa classe devam se tornar magos. Mas saiba que entre eles havia vários homens inteligentes. Começaram, assim como o senhor, com o objetivo de trazer a prática da magia de volta ao mundo. Eram homens práticos e pretendiam aplicar à magia os princípios da razão e da ciência, como o fizeram com as artes manufatureiras. Denominaram-na “taumaturgia racional”. Como não deu resultados, desanimaram. Bem, não se pode culpar-los por isso. Mas deixaram que a desilusão os metesse em todo tipo de dificuldades.

Começaram a achar que no mundo não existe e jamais existiu magia. Afirmando que os magos Áureos eram todos impostores ou se tinham deixado enganar. E que o Rei Corvo é uma invenção dos ingleses do Norte para protegê-los da tirania do Sul (sendo eles mesmos do Norte, tinham uma certa afinidade com isso). Ah, os argumentos que apresentavam eram muito engenhosos. Esqueceu-me, agora, como explicavam a existência do Reino Encantado. Dispersaram-se, como lhe disse, e um deles, que se não me engano se chamava Aubrey, pretendia escrever sobre tudo isso e publicar. Mas, quando chegou o momento, uma espécie de melancolia permanente se apoderou dele e não foi capaz de encontrar estímulo suficiente para começar.

— Pobre cavalheiro — disse Mr. Segundus. — Talvez seja a época. Não vivemos uma época para magia ou conhecimento, não é mesmo? Comerciantes prosperam, marinheiros, políticos, mas não magos. Nossa tempo passou. — Refletiu um pouco. — Três anos atrás, quando estive em Londres, conheci um mago de rua, um andarilho de caráter duvidoso com uma estranha deformação. O homem me persuadiu a pagar uma elevada soma de dinheiro em troca da promessa de que me revelaria um grande segredo. Quando lhe entreguei o dinheiro, disse-me que um dia dois magos restituíram a magia à Inglaterra. Embora eu não acredite nem um pouco em profecias, foi pensando no que ele disse que resolvi descobrir a verdade sobre o nosso declínio... Não é estranho?

— Tem toda a razão, profecias são uma grande tolice — ponderou Mr. Honeyfoot, rindo. Em seguida, como se assaltado por um pensamento, acrescentou: — Somos dois magos. Honeyfoot e Segundus — disse, testando as palavras, como se imaginasse de que forma apareceriam nos jornais e nos livros de história. — Honeyfoot e Segundus... Soa muito bem.

Mr. Segundus meneou a cabeça.

— O sujeito conhecia a minha profissão e era de esperar que quisesse me fazer crer que eu era um dos dois homens. Mas no fim me falou, muito franklymente, que não seria eu. No início tive a impressão de que não estava seguro disso. Havia algo a ver comigo... Ele me pediu que escrevesse meu nome e o examinou durante um bom tempo.

— Creio que percebeu que não teria como arrancar mais dinheiro do senhor — comentou Mr. Honeyfoot.

Hurtfew Abbey ficava a uns vinte quilômetros a noroeste de York. A antigüidade estava só no nome. Lá existira uma abadia, mas muito tempo atrás. A casa atual fora construída na época da rainha Ana. Era muito bonita, quadrada, de aparência sólida, num belo parque cheio de árvores úmidas e de aspecto fãstasmagórico (o dia estava ficando um tanto enevoado). Um rio (chamado Hurt) atravessava o parque, e uma bela ponte de aparência clássica passava sobre ele.

O outro mago (chamado Norrell) estava no vestíbulo para receber os visitantes. Era miúdo, tal como sua caligrafia, e a voz, ao lhes dar as boas-vindas a Hurfew, soou muito suave, como se ele não tivesse o hábito de expressar os pensamentos em voz alta. Mr. Honeyfoot, que era um pouco surdo, não ouviu o que ele disse.

— Meu senhor, estou ficando velho. Seja paciente comigo.

Mr. Norrell conduziu as visitas a uma elegante sala em cuja lareira ardia um fogo confortador. Não havia uma só vela acesa; duas janelas magníficas deixavam entrar luz suficiente, se bem que uma luz cinzenta e nada animadora. Contudo, ocorreu a Mr. Segundus que haveria uma segunda lareira acesa, ou velas, em algum lugar da sala, de forma que ele não parava de se virar na cadeira para olhar em volta e ver onde estavam. Mas nada semelhante havia, talvez só um espelho ou um relógio antigo.

Mr. Norrell disse que lera o relato de Mr. Segundus sobre os êxitos dos criados mágicos de Martin Pale.³

— Uma obra louvável, mas o senhor esqueceu o mestre Fallowthought. Um espírito menor, claro, cuja utilidade para o Doutor Pale era questionável.⁴ Mas sem Fallowthought a breve história dele ficaria incompleta.

Seguiu-se um silêncio.

— Refere-se a um espírito encantado chamado Fallowthought? — perguntou Mr. Segundus. — Quero dizer... quero dizer, nunca ouvi falar dessa criatura, neste ou em qualquer outro mundo.

Mr. Norrell sorriu pela primeira vez, mas uma espécie de sorriso interior.

— Claro — replicou. — Esqueceu-me. Está tudo na história de Holgarth e Pickle, de como eles lidaram com o mestre Fallowthought, obra que o senhor provavelmente não leu. Eu o felicito, porque formavam uma dupla detestável... mais criminosos do que magos. Quanto menos soubermos sobre eles, melhor.

— Ah, meu senhor! — exclamou Mr. Honeyfoot, achando que Mr. Norrell se referia a um dos livros que possuía. — Ouvimos coisas inacreditáveis sobre sua biblioteca. Todos os magos do condado de York foram vitimados pela inveja quando souberam da quantidade de livros que o senhor possui!

— Não diga! — exclamou Mr. Norrell, impassível. — O senhor me surpreende.

3. *Uma descrição completa dos criados mágicos do Dr. Pale, seus nomes, histórias, caracteres e serviços que lhe prestaram.* John Segundus, ed. Thomas Burham, Livreiro, Northampton, 1799.

4. Dr. Martin Pale (1485-1567), filho de um curtidor de couro do condado de Warwick, no centro da Inglaterra. Último dos magos Áureos, ou da Idade de Ouro. Outros o sucederam (conf. Gregory Absalom), embora de reputação discutível. Pale foi, sem dúvida, o último mago inglês a se aventurar no Reino Encantado.

Não fazia idéia de que meus interesses fossem tão conhecidos... Deve ter sido Thoroughgood — disse, pensativo, mencionando o nome de um homem que vendia livros e objetos raros no pequeno mercado de York. — Childermass me avisou várias vezes que Thoroughgood é indiscreto.

Mr. Honeyfoot não entendeu bem. Se *ele* tivesse uma tal quantidade de livros sobre magia, adoraria falar deles, adoraria que o elogiassem por eles, que o admirasse. Não acreditava que Mr. Norrell não fosse assim. Portanto, com a intenção de ser gentil e deixar Mr. Norrell à vontade (porque achava que o cavalheiro era tímido), persistiu:

— O senhor se importaria se eu expressasse o desejo de vermos sua excelente biblioteca?

Mr. Segundus estava certo de que Norrell se recusaria, mas, em vez disso, Mr. Norrell os fitou um pouco (tinha olhos azuis pequenos e parecia espreitar os visitantes de algum lugar secreto dentro de si) e, em seguida, quase com cortesia, cedeu ao pedido de Mr. Honeyfoot. Mr. Honeyfoot foi todo gratidão, feliz ao se convencer de que satisfizera Mr. Norrell tanto como a si mesmo.

Mr. Norrell conduziu os dois cavalheiros por um corredor, um corredor bastante comum, pensou Mr. Segundus, as paredes e o piso revestidos de madeira de carvalho bem polida cheirando a cera de abelha. Depois havia uma escada, ou talvez só três ou quatro degraus, e adiante outro corredor onde o ar era um pouco mais frio e o piso feito da boa pedra de York: tudo sem características especiais. (Ou será que o segundo corredor vinha antes da escada ou dos degraus? Ou será que nem existia uma escada?) Mr. Segundus era o tipo de cavalheiro que sempre consegue dizer se está diante do norte ou do sul, do leste ou do oeste. Não se tratava de um talento do qual sentisse um orgulho especial — para ele era tão natural quanto saber que a cabeça ainda estava no pescoço —, mas na casa de Mr. Norrell esse dom desapareceu. Mais tarde, jamais conseguiria reproduzir a seqüência de corredores e cômodos pelos quais foram conduzidos, nem sequer calcular quanto tempo demoraram para chegar à biblioteca. Tampouco seria capaz de distinguir a direção. Parecia-lhe que Mr. Norrell descobriria algum tipo de quinto ponto da bússola — nem leste, nem sul, nem oeste, nem norte, mas algo bem diferente, e essa era a direção para a qual os conduzia. Mr. Honeyfoot, de sua parte, não parecia notar nada estranho.

A biblioteca era talvez um pouco menor do que a sala de visitas que tinham acabado de deixar. Havia um excelente fogo na lareira e tudo era conforto e quietude. Contudo, também ali, a luz parecia não se harmonizar com as três janelas altas de doze vidraças, de sorte que, mais uma vez, Mr. Segundus se viu perturbado pela persistente sensação de que haveria outras velas, outras janelas ou outra lareira que proporcionassem luz. As janelas existentes davam vista para

uma enorme vastidão de sombria chuva inglesa, de forma que Mr. Segundus não conseguia ver a paisagem nem perceber em que parte da casa se achavam.

O cômodo não estava vazio; sentado a uma mesa estava um homem, que se levantou quando eles entraram e a quem Mr. Norrell brevemente apresentou como Chiltern, seu procurador.

Não era necessário alguém dizer a magos como Mr. Honeyfoot e Mr. Segundus que o proprietário prezava a biblioteca de Hurtfew Abbey acima de todos os seus outros bens; e não se surpreenderam ao descobrir que Mr. Norrell concebera um lindo porta-jóias para abrigar sua menina-dos-olhos. As estantes de livros que forravam as paredes do cômodo eram de madeira inglesa e se assemelhavam a arcos góticos entalhados. Havia entalhes de folhas (folhas secas e torcidas, como se o artista tivesse pretendido representar o outono), entalhes de raízes e ramos entrelaçados, entalhes de bagas e heras, tudo muito bem-feito. Mas a maravilha das estantes nada significava perto da maravilha dos livros.

A primeira coisa que um estudante de magia aprende é que existem livros *sobre* magia e livros *de* magia. A segunda coisa é que num bom livreiro se pode adquirir um exemplar perfeitamente respeitável dos primeiros livros mencionados por dois ou três guinéus, enquanto o preço dos segundos livros é superior ao dos rubis.⁵ Considerava-se muito boa, quase extraordinária, a biblioteca da sociedade de York; entre os muitos volumes, havia cinco obras escritas entre 1550 e 1700

5. Como vemos pela máxima de Jonathan Strange, magos discutem todo tipo de coisas, e muitos anos e muitos conhecimentos foram consagrados ao controverso problema de se tal e tal volume se qualifica como livro de magia. A maioria dos leigos, porém, acredita que esta regra simples os satisfaz muito bem: livros escritos *antes* de a magia ter acabado na Inglaterra são livros de magia, livros escritos *depois* são livros sobre magia. O princípio, do qual deriva o método empírico do leigo, é que um livro de magia deveria ser escrito por um prático de magia, e não por um teórico ou historiador de magia. O que seria mais lógico? Entretanto, aí reside um problema. Os grandes mestres da magia, os que denominamos magos da Idade de Ouro, ou *Áureos* (Thomas Godbless, Ralph Stokesey, Catherine de Winchester, Rei Corvo), escreveram pouco, ou pouco restou do que escreveram. É provável que Thomas Godbless não soubesse escrever. Stokesey estudou latim num pequeno liceu no condado de Devon, onde nasceu, mas tudo que sabemos sobre ele foi transmitido por outros escritores.

Os magos só se dedicaram a escrever livros quando a magia já estava em declínio. As trevas já baixavam para extinguir a glória da magia inglesa; os homens que denominamos magos da Idade de Prata, ou *Argênteos* (Thomas Lanchester, 1518-90; Jacques Belasis, 1526-1604; Nicholas Goubert, 1535-78; Gregory Absalom, 1507-99), eram chamas de velas bruxuleantes no crepúsculo; eram em primeiro lugar estudiosos; em segundo, magos. Sem dúvida, afirmavam fazer magia, alguns até tinham um ou dois criados mágicos, mas parece que realizaram muito pouco dessa forma e alguns estudiosos modernos levantaram a dúvida de que teriam sido capazes de fazer magia.

que se poderia justamente afirmar serem livros de magia (embora um deles não passasse de duas páginas rasgadas). Livros de magia eram raros e nem Mr. Segundus nem Mr. Honeyfoot tinham visto mais do que dois ou três numa biblioteca particular. Em Hurffew, todas as paredes estavam forradas de estantes de livros e todas as prateleiras estavam abarrotadas de livros. E os livros eram todos, ou quase todos, antigos; livros de magia. Bem, decerto muitos tinham encadernações modernas impecáveis, mas sem dúvida eram volumes que Mr. Norrell reencadernara (parecia dar preferência a couro de bezerro sem adornos, com títulos impressos em elegantes letras maiúsculas prateadas). Inúmeros deles, porém, tinham encadernações antigas, muito antigas, com lombadas e cantos puídos.

Mr. Segundus olhou de relance para as lombadas dos livros numa estante próxima; o primeiro título que leu foi *Como indagar a escuridão e entender suas respostas*.

— Um livro descabido — observou Mr. Norrell. Mr. Segundus se sobressaltou: não percebera que o anfitrião estava tão perto. Mr. Norrell prosseguiu:
— Eu o aconselho a não refletir um só instante sobre ele.

Mr. Segundus olhou então para o livro seguinte, *As instruções*, de Belasis.

— Desculpe-me, conhece Belasis? — indagou Mr. Norrell.

— De nome, senhor — respondeu Mr. Segundus. — Sempre ouvi dizer que tinha a chave para um monte de coisas boas, mas também ouvi dizer, e os especialistas concordam, que todos os exemplares de *As instruções* foram destruídos há muito tempo. Mas aqui está um! E isto, meu senhor, é extraordinário! É maravilhoso!

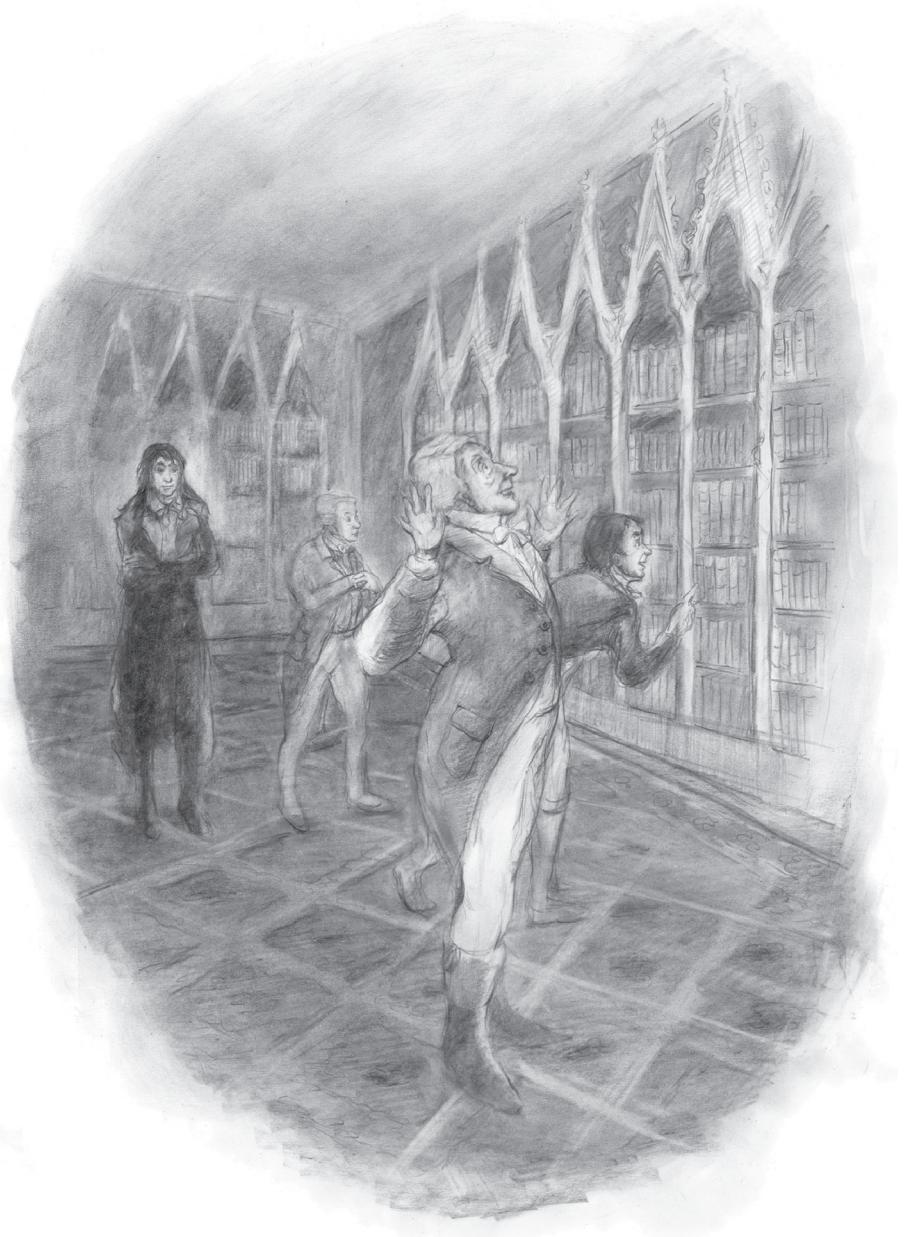
— O senhor espera muito de Belasis — comentou Norrell —, e no passado também pensei assim. Lembro-me de que durante meses dediquei oito de vinte e quatro horas ao estudo de sua obra; atenção que, devo dizer, nunca dei a outro autor. Mas, em conclusão, é uma decepção. É esotérico quando deveria ser inteligível; inteligível quando deveria ser obscuro. Há coisas que não se deveriam incluir em livros para todo mundo ler. Quanto a mim, já não tenho Belasis em grande conta.

— Eis um livro de que nunca ouvi falar — disse Mr. Segundus. — *As superioridades da magia judaico-cristã*. O que me diz dele?

— Ah! — exclamou Mr. Norrell. — É do século dezessete, mas também não o tenho em grande conta. O autor era mentiroso, bêbado, adúltero e tratante. Ainda bem que caiu no esquecimento.

Ao que parecia, Mr. Norrell não menosprezava só magos vivos. Avaliara também a capacidade de todos os mortos e concluíra que eram medíocres.

Enquanto isso, Mr. Honeyfoot, as mãos no ar como um metodista que reza a Deus, passava com rapidez de estante em estante. Mal se detinha tempo



suficiente para ler o título de um livro e seus olhos eram atraídos por outro no lado oposto da biblioteca.

— Ah, Mister Norrell! — exclamou. — São tantos livros! Decerto encontraremos as respostas para todas as nossas perguntas!

— Duvido, meu senhor — foi a reação seca de Mr. Norrell.

O procurador soltou uma risada breve, um riso sem dúvida dirigido a Mr. Honeyfoot. Apesar disso, Mr. Norrell não o repreendeu nem com o olhar nem com palavras, e Mr. Segundus se perguntou que tipo de tarefa Mr. Norrell confiaria àquela pessoa. De cabelos compridos revoltos como chuva e pretos como trovão, estaria bem à vontade num pântano varrido pelo vento, ou de emboscada num beco escuro como breu, ou talvez num romance de Mrs. Radcliffe.

Mr. Segundus tirou da estante *As instruções de Jacques Belasis* e, não obstante a opinião desfavorável de Mr. Norrell, logo deu com dois trechos extraordinários.⁶ Em seguida, ciente da passagem do tempo e dos olhos escuros e estranhos do procurador sobre ele, abriu *As superioridades da magia judaico-cristã*.

6. O primeiro trecho que Mr. Segundus leu se referia à Inglaterra, ao Reino Encantado (que os magos às vezes chamam de “as Outras Terras”) e a um estranho país supostamente situado no lado extremo do Inferno. Mr. Segundus ouvira falar do vínculo simbólico e mágico que liga esses três países, mas nunca lera uma explicação tão clara deles como a que o texto oferecia.

O segundo trecho concernia a um dos maiores magos da Inglaterra, Martin Pale. Em *A árvore do conhecimento*, de Gregory Absalom, há um célebre trecho que relata a visita que o último dos grandes magos Áureos, Martin Pale, fez ao príncipe dos seres mágicos enquanto viajava pelo Reino Encantado. Assim como outros da linhagem, o príncipe dos seres mágicos tinha vários nomes, expressões honoríficas, títulos, pseudônimos; mas era, em geral, conhecido como Cold Henry. Cold Henry fez um longo e respeitoso discurso para o hóspede. O discurso, apesar de recheado de metáforas e alusões obscuras, parecia dizer que os seres mágicos eram criaturas naturalmente malvadas, nem sempre cientes de que faziam o mal. Ao que Martin Pale retrucou com brevidade e um tanto enigmático que nem todos os pés dos ingleses tinham o mesmo tamanho.

Durante séculos ninguém fez a menor idéia do que isso poderia significar, embora várias teorias tivessem sido apresentadas, e John Segundus conhecia todas elas. A mais comum era a que William Pantler desenvolvera no início do século XVIII. Pantler afirmou que Cold Henry e Pale se referiam à teologia. Os seres mágicos (como todo mundo sabe) escapam ao alcance da Igreja; nenhum Cristo os viu nem jamais os verá — e ninguém sabe o que lhes sucederá no Dia do Juízo Final. De acordo com Pantler, Cold Henry perguntara a Pale se haveria alguma esperança de que os seres mágicos, assim como os homens, recebessem a Salvação Eterna. A resposta de Pale — de que os pés dos ingleses têm tamanhos diferentes — foi o jeito que encontrou de dizer que nem todos os ingleses serão salvos. Baseando-se nisso, Pantler atribuiu a Pale a crença bastante estranha de que o Paraíso é suficientemente grande para conter apenas um número limitado de abençoados; para cada inglês condenado, surge um

Não era (como esperara) um livro impresso, mas um manuscrito rabiscado às pressas no verso de todos os tipos de pedaços de papel, muitos deles velhos recibos de cervejarias. Nele Mr. Segundus leu sobre aventuras maravilhosas. O mago do século XVII usara a magia incipiente para combater inimigos hábeis e poderosos: combates a que nenhum mago humano deveria se entregar. Escrevera a colcha de retalhos da história de suas vitórias exatamente no momento em que os inimigos o cercavam. O autor sabia muito bem que, enquanto escrevia, restava-lhe pouco tempo e que a morte era o melhor que poderia esperar.

O cômodo foi ficando mais escuro; os antigos rabiscos se tornavam indistintos na página. Dois criados entraram e, observados pelo procurador negligente, acenderam velas, fecharam as cortinas da janela e puseram mais carvão na lareira. Mr. Segundus achou conveniente lembrar Mr. Honeyfoot de que ainda não tinham explicado a Mr. Norrell o propósito da visita.

No momento em que saíam da biblioteca, Mr. Segundus estranhou algo. Uma cadeira havia sido colocada perto da lareira e ao lado dela havia uma mesinha. Na mesa estavam as pranchas e a encadernação em couro de um livro bastante antigo, duas tesouras e uma faca robusta de aspecto cruel, coisas que um jardineiro usaria para poda. As páginas do livro, porém, não estavam visíveis. Talvez, pensou Mr. Segundus, ele o tivesse mandado encadernar de novo. Mas a antiga encadernação ainda parecia forte; por que então Mr. Norrell teria se dado ao trabalho de tirar as páginas, arriscando-se a danificá-las? Um encadernador hábil seria a pessoa indicada para esse tipo de trabalho.

Quando voltaram a se sentar na sala de visitas, Mr. Honeyfoot se dirigiu a Mr. Norrell.

— O que acabo de ver aqui me convence de que o senhor é a pessoa ideal para nos ajudar. Mister Segundus e eu somos da opinião de que os magos modernos seguem pelo caminho errado; desperdiçam energia com tolices. O senhor concorda?

lugar no Paraíso para um ser mágico. A reputação de Pantler como teórico da magia reside inteiramente no livro que ele escreveu sobre o assunto.

Em *As instruções*, de Jacques Belasis, Mr. Segundus leu uma explicação completamente diferente. Três séculos antes de Martin Pale haver pisado no castelo de Cold Henry, este recebera uma outra visita humana, um mago inglês ainda maior do que Pale: Ralph Stokesey, que ao partir deixara um par de botas. As botas, afirmou Belasis, eram velhas, razão pela qual Stokesey provavelmente não as levou consigo, mas a presença das botas no castelo causou enorme preocupação aos seres mágicos que veneravam os magos ingleses. Cold Henry, em especial, viu-se numa posição embarlhada, receando que de uma forma tortuosa e incompreensível a moralidade cristã lhe atribuisse a responsabilidade pela perda das botas. Por isso tentou se livrar dos terríveis objetos oferecendo-os a Pale, que os rejeitou.

— Ah, sim, concordo — respondeu Mr. Norrell.

— Nossa pergunta — continuou Mr. Honeyfoot — é: por que a magia decaiu de um estado outrora grandioso na nossa grande nação? Nossa pergunta, senhor, é: por que não se faz mais magia na Inglaterra?

Os olhinhos azuis de Mr. Norrell ficaram mais firmes e mais brilhantes, e os lábios se comprimiram, como se ele procurasse reprimir um enorme e secreto prazer interior. Como se tivesse esperado muito tempo, pensou Mr. Segundus, por essa pergunta e durante anos tivesse a resposta na ponta da língua. Mr. Norrell respondeu:

— Não posso ajudá-lo quanto a essa pergunta, senhor, porque não a entendo. É uma pergunta equivocada. A magia não acabou na Inglaterra. Eu mesmo sou um prático razoável dela.